

## Competências e responsabilidades para o design contemporâneo: Implicações para o ensino e para a pesquisa

### *Competencies and responsibilities for contemporary design: Implications for teaching and research*

140

Lucy Niemeyer, Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP Programa de Pós-graduação em Design, Escola Superior de Desenho Industrial/Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

lucy.niemeyer@gmail.com

#### Resumo

Objetiva-se avaliar em que medida o estatuto profissional do designer foi determinado pelo processo de industrialização. Nos inícios do capitalismo, houve necessidade da existência de um profissional que desenvolvesse produtos cuja estética fosse adequada à produção mecanizada. A esses objetivos iniciais foram sendo acrescentados outros que diziam respeito à comercialização do produto. Já no século XX ganharam importância crescente tanto os métodos, técnicas e instrumentos que guiassem com segurança a elaboração de produtos como a introdução da ergonomia como fundamento para as decisões projetuais concernentes à interação do produto como seu usuário. À medida que as transformações de toda ordem varreram o mundo, sejam elas econômicas, políticas, culturais, tecnológicas etc., o design foi inevitavelmente envolvido por elas. O design está indissociado do fazer e do estar do ser humano. O papel simbólico do produto, inicialmente como instrumento para manutenção do ciclo de consumo, depois como elemento constituinte identitário, determinou uma crescente investigação sobre o design como linguagem, como construção sónica. No cenário contemporâneo, novas competências passaram a ser requeridas do designer: seu papel frente à globalização, às demandas do design universal, do design inclusivo, do design sustentável, do design com foco na significação, em um cenário marcado pela acelerada inovação tecnológica. Todos esses fatores implicam em uma reavaliação do ensino e da pesquisa em design. Serão então consideradas as diversas formações que se fazem necessárias para o adequado desenvolvimento do campo, sob uma perspectiva teleológica.

**Palavras-chave:** Design, Formação do campo profissional, Novas competências e responsabilidades, Ensino do design, Pesquisa em design.

#### Abstract

*The objective was to assess to what extent the designer's professional status was determined by the process of industrialization. At the beginning of capitalism, there was need for the existence of a professional to develop products whose aesthetic was suitable for mechanized production. To these initial objectives other ones were added, which concerned the marketing of the product. In the twentieth century gained increasing importance of methods, techniques and tools to safely steer the development of products such as the introduction of ergonomics as a basis for decisions about design concerning the interaction of the product and its users. As the transformations of all kinds swept the world, be economic, political, cultural, technological, etc., the design was inevitably involved in them. The design is deeply associated to the doing and being of humankind. The symbolic role of the product, initially as a tool for maintaining the cycle of consumption, then as a constituent element of identity, led to a growing research on the design as a language, such as a sign construction. In the contemporary scenario new skills are now required of the designer: his role with the globalization, the demands of universal design, inclusive design, sustainable design, attitudinal design, in a scenario marked by rapid technological innovation. All these factors imply a re-evaluation of teaching and research in design. Are then considered the various formations that are necessary for the proper development of the field, under a teleological perspective.*

**Keywords:** Design, Training of the professional field, New skills and responsibilities, Design education, Design research.



A questão central deste texto foi identificar as competências requeridas para o exercício do design no Brasil contemporâneo, tendo-se em vista o cenário futuro que se delineia no horizonte da profissão, e as decorrentes implicações no ensino superior da profissão.

Consideramos que a construção de um processo produtivo mecanizado e a busca da hegemonia da burguesia capitalista, como classe dominante, passa a depender essencialmente de práticas de categorias sociais diretamente conectadas à tecnologia. Por isso o nosso estudo da categoria do designer visou compreender como se deu a institucionalização do saber-fazer que atendesse às exigências iniciais da projeção para a execução seriada de produtos. Como a mecanização ocupando cada vez mais espaço no cenário laboral, passaram a ser requeridas outras competências, que avançariam da articulação estética e para a máquina.

Apresentamos uma breve revisão do processo da construção do que viria a ser o campo do design. Por já haver uma vasta bibliografia disponível sobre esse tema, nos restringimos a fazer um sucinto retrospecto das consequências da implantação do sistema de fábrica na realização do trabalho, da mecanização na produção de bens e tendências mais relevantes no período posterior à revolução industrial. No item 1 apontamos os sucessivos e cumulativos focos do design, em que a adequação da forma aos processos industriais de produção foi o objetivo inicial tanto da constituição do papel de um profissional com características até então não necessárias. A incorporação da ergonomia como área de conhecimento fundamental para o desenvolvimento de projetos, coloca o ser humano como ponto central do projeto de design, para além ponto de vista inicial que focado na antropometria, compreendendo a análise da tarefa e o produto como interface.

O acelerado processo de invenções e inovações tecnológicas faz com que a responsabilidade do designer em humanizá-las se torne crescentemente relevante.

Tudo isto trás implicações muito sérias para o ensino e a pesquisa em design, Que profissional pretende-se formar? Para que tipo de intervenção no mundo? A partir dos dados obtidos por meio da revisão bibliográfica construímos a nossa síntese.

O designer se apresenta com frágeis compromissos éticos, estando sua atividade à mercê dos interesses do capital internacional e a serviço da conservação dos interesses das classes dominantes, ainda com pouca consciência de seu papel social, decorrente de sua interferência na cultura material, na segurança, conforto e satisfação do usuário dos produtos por ele projetado. A pouca fundamentação teórica do curso de graduação não determina um campo de conhecimento específico do designer, fragilizando seu posicionamento frente a profissionais de áreas afins, tais como arquitetos, engenheiros, publicitários, e dificultando a interlocução com pessoas com outra formação e o reconhecimento de sua competência pelo mercado potencial de trabalho.

Desse modo vemos como fundamental uma revisão do ensino do design, buscando maior ênfase nas disciplinas tecnológicas, o desenvolvimento da capacidade crítica embasada pelas disciplinas que tratam dos aspectos sociais, culturais e econômicos.

Entendemos, ainda, que a pesquisa é indispensável para o desenvolvimento de qualquer área do conhecimento. Assim, a valorização e o incremento de atividades de pesquisa, com a indispensável titulação dos professores, são procedimentos que urge serem ampliados. A divulgação dos conhecimentos construídos através de publicações especializadas, congressos e

eventos são práticas que devem se tornar correntes e demandadas pelas instituições de ensino superior da área.

A aproximação com setor produtivo é importante para a divulgação da profissão bem como o conhecimento das futuras condições de trabalho, a fim de capacitar os alunos para um futuro exercício profissional mais consistente e significativo.

## 1. Multiplicação dos fazeres em design

### 1.1 *Bacharel em Design*

No Brasil, segundo a Lei 9.394 de 20/12/96, graduação é um nível de estudos posterior à conclusão do Ensino Médio. Os diferentes cursos de graduação, bacharelado, abordam conteúdos da formação geral, profissional e científica, com duração longa, média de quatro anos, têm o objetivo de qualificar os alunos para atuarem em determinada área do mercado de trabalho e ou como pesquisadores em determinada área do conhecimento.

Tem-se de reconhecer que é amplo o espectro de competências e habilidades que se espera sejam construídas ao longo do curso de graduação. Haverá efetivas condições para que tal aconteça?

É lamentável constatar pela leitura de Freitas (1999), ainda hoje se descortina as tradições acrílicas tão rigorosamente apontadas na tese. Nela ele as sintetiza em quatro tópicos:

CONSUETUDINARISMO – em que a ênfase recai no fazer, na prática sem teoria. As informações transmitidas não partem de um embasamento teórico, tampouco se recorre à escrita. No ensino de Design no Brasil tem prevalecido a tradição da transmissão oral de conhecimentos. Pouco se lê, pouco se escreve, quase não se pesquisa.

REPRODUTIVISMO - um ensino que não considera como relevante em seu processo a teorização (produção e difusão de conhecimentos científicos), acaba por ficar restrito à reprodução de conhecimentos, de estruturas, de atitudes e de condutas formuladas em ambientes e/ou épocas estranhas a ele mesmo.

ESPONTANEISMO - considerar o design como sendo essencialmente prático e admitir como irrelevante a compreensão e o uso dos conhecimentos da ciência.

PSEUDO-ATIVISMO - o falso ativismo implantado nas escolas de Design no Brasil, um ensino com ênfase na prática sem reflexão teórico-científica.

Para reverter esse quadro exposto no conjunto de itens acima, só vislumbro uma saída: a PESQUISA. Ela fornece o embasamento teórico e desenvolve o pensamento crítico para reverter essas perenes tradições acrílicas.

Como a meta do curso de graduação em Design é responsável pela formação do designer, profissional capaz de produzir projetos que envolvam sistemas de informações visuais, artísticas, culturais e tecnológicas, observado o ajustamento histórico, os traços culturais e de desenvolvimento das comunidades e as características dos usuários e de seu contexto sócio-econômico e cultural, que enseje a crítica, a revisão, a evolução.



Cabe, no tanto, ressaltar que muito mais do que ensinar um modo de fazer algo, a instituição de ensino e pesquisa determina a assunção da consciência de cidadania de todos os seus integrantes, o desenvolvimento do pensamento e da atuação social política, crítica, inovadora através do trabalho. Enquanto, rapidamente, tecnologias evoluem, materiais tornam-se obsoletos, tendências formais são superadas, valores éticos perduram.

Um diferencial do bacharelado é a **produção científica**, visando à evolução da ciência.

## 1.2 Tecnólogo em Design

Tecnologia: Curso superior de curta duração que visa formar profissionais para atender campos específicos do mercado de trabalho.

À Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) compete, entre outros fins, planejar, orientar, coordenar e supervisionar o processo de formulação e implementação da política da educação profissional e tecnológica; promover ações de fomento ao fortalecimento, à expansão e à melhoria da qualidade da educação profissional e tecnológica e zelar pelo cumprimento da legislação educacional no âmbito da educação profissional e tecnológica. O egresso de curso superior tecnológico deve estar supletivamente capacitado para que ele seja imediatamente absorvido pelo setor produtivo. Essa é a sua função social precípua. Tanto que no Artigo 7º da Resolução CNE/CP 3, DE 18 de dezembro de 2002, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia consta que:

Entende-se por competência profissional a capacidade pessoal de mobilizar, articular e colocar em ação conhecimentos, habilidades, atitudes e valores necessários para o desempenho eficiente e eficaz de atividades requeridas pela natureza do trabalho e pelo desenvolvimento tecnológico.

Desse modo podemos entender que a vocação dos tecnólogos em design é terem uma pronta intervenção no setor produtivo, cuja tendência é multiplicar-se em especialidades, seja o design calçadista, de moda, de joia, de embalagem, de web e o que mais evolução tecnológica vier propiciar.

## 2. Pesquisa em Design

Apesar de as tradições acríticas ainda imperarem no ensino de Design no Brasil, o movimento pelo aumento da produção científica e do índice de capacitação dos docentes está mudando os objetivos e as práticas educativas.

Os temas estão surgindo e tornando mais clara a visão sobre o Design. As linhas de pesquisa estão se consolidando e o número de doutores está crescendo. Com isso espera-se que possamos criar rapidamente e com qualidade novos mestrados e doutorados em Design.

Atualmente, temos da grande área de Ciências Sociais Aplicadas os seguintes cursos da área do design recomendados pela CAPES:

As dificuldades encontradas para a implantação, consolidação e desenvolvimento da pesquisa em design estão sendo amenizadas, na medida em que o valor da produção científica fica patente

perante instituições de pesquisa, de fomento, setores público e privado, assim como a sociedade brasileira.

**O saber-conhecer articulado ao saber-fazer conduz ao aperfeiçoamento do design no país.**

### 3. Conclusão

144

O que podemos concluir a partir de um olhar sobre no passado, delinear possíveis competências e responsabilidades demandadas aos designers? Que aposta no futuro da profissão nos arriscamos a fazer agora?

Os conhecimentos que compõem as cada vez mais numerosas e diversas áreas de atuação em design não só implicam em saberes cada vez mais específicos e dinâmicos. O ritmo da obsolescência tecnológica é cada vez mais acelerado. Daí a pertinência da instalação dos cursos tecnológicos em design para que haja o atendimento das necessidades presentes de mercado. No Artigo 5º das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a organização e o funcionamento dos cursos superiores de tecnologia (ver Anexo 2, p.170) determina que “Os cursos superiores de tecnologia poderão ser organizados por módulos que correspondam **a qualificações profissionais identificáveis no mundo do trabalho.**” (grifo da autora). Assim sendo espera-se que o curso de graduação tecnológica esteja em fina sintonia com as demandas correntes e locais de profissionais.

Já os cursos de bacharelado devem seguir uma abordagem generalista que possa ensejar que os alunos proponham inovações e experimentos de bases teóricas de ponta. A pesquisa é um objetivo maior do bacharel em design e quando estiver no mercado de projetos seja aquele que irá ousar e ter amplo diálogo com não só com os seus pares, mas também com setores avançados que atuem no mesmo setor.

As habilidades, as atitudes esperadas do designer terão exigência crescente. A fundamentação das decisões projetuais deverá ser cada vez rigorosa. O curso de graduação em bacharel em design terá de muni-lo com a base teórica que permita o profissional manter um proveitoso diálogo interdisciplinar, que cada vez será mais demandado pela a progressiva complexidade dos projetos.

As conclusões de estudos prospectivos do design poderiam fornecer elementos para o aperfeiçoamento do ensino e da prática do design, com vistas a uma inserção plena no cenário contemporâneo e no futuro próximo.

O desenvolvimento profissional é um processo de crescimento pessoal; de aquisição de competências; de eficácia de ensino e organização do processo ensino-aprendizagem; e a adaptação do professor/pesquisador ao meio profissional de design e à instituição de ensino. Isso ocorre mediante as relações entre os campos sociais e o agente, num processo contínuo de adaptações e/ou transformações. Segundo Bourdieu, todo agente social, que age no interior de um campo específico, procura ajustar o seu esquema de pensamento, percepção e ação às exigências objetivas daquele espaço social. Para ele, o motor da ação repousa na relação entre o *habitus* e o campo. Assim, num processo de ajustes, transformações e adequações dentro do campo específico, o agente social vai construindo sua prática. Portanto, a prática em design é constituída

por um processo em que seja o profissional de projeto, seja o professor/pesquisador incorpora, adapta e modifica suas ações no contato com as exigências objetivas do campo social específico, numa relação dialética mediada pelo *habitus*.

Therrien e Loiola (2001) corroboram a idéia de que o saber prático é contextualizado, ou seja, tem uma ligação indissociável entre o produto de uma atividade, a cultura e o contexto no qual ela se insere. Assim, o saber prático, ou a prática acadêmica, não podem ser considerados um fenômeno da pura atividade individual, mas um fenômeno constituído de relações, lutas e hierarquias no interior de campos sociais específicos. A aquisição de conhecimentos, pensamentos, esquemas de apreciação e classificação da ação é fruto das relações entre os agentes (designers) no e com o espaço social institucional (a instituição de ensino/cenário).

Bourdieu novamente nos ajuda a entender essa operação complexa, quando tenta superar a dicotomia entre o subjetivismo e objetivismo, definindo o conhecimento praxiológico, que tem como objeto apreender a articulação entre o plano da ação ou das práticas subjetivas e o plano das estruturas; buscando investigar as relações dialéticas entre estrutura e ator.

Mediante tais colocações, podemos perceber que a formação e a prática pedagógica começam antes da entrada nos cursos de formação, passando pelos processos de socialização primária e escolar e estendendo-se ao longo da trajetória profissional, seja inicial ou contínua, constituindo-se num *habitus* organizador e produtor de ações. O conhecimento prático do designer constitui um conjunto de princípios, crenças e pensamentos, que sustenta e guia suas apreciações e decisões, tomadas com base na sua história, nas compreensões e interpretações e estilo pessoal. Nesse sentido, podemos dizer que a prática é personalizada, tem uma marca própria e singular de cada sujeito e, ao mesmo tempo, é marcada por uma época, por uma coletividade, por um determinado contexto social e cultural.

Porém, antes de se propor uma alteração do currículo, seria importante proceder a uma avaliação e um questionamento das disciplinas, sobretudo as mais tradicionais, que são vistas como verdades eternas, imutáveis. Cada uma das disciplinas e seus conteúdos deveriam ser analisados sob um enfoque mais integrado dos aspectos epistemológicos, políticos, ideológicos, humanos e práticos. A adoção de uma postura crítica implica, inevitavelmente, no questionamento dos aspectos ideológicos e o possível potencial emancipador dos conteúdos das disciplinas. Para o que servem? Quais os seus verdadeiros objetivos gerais e específicos? Eles estão sendo atingidos? Seriam estes os objetivos desejáveis? Seriam eles alcançáveis através dessas disciplinas? Através de uma reflexão teoricamente embasada e que tenha clareza ideológica poderão ser encontradas as respostas satisfatórias a essas questões.

Sabendo, como disse Moreira, (1990, p. 215) que a disciplina é apenas uma forma de sistematizar o conhecimento e de transcender o senso comum e a experiência, caberia fazer uma reavaliação das diferentes formas de organização do conteúdo escolar. A crítica da hierarquia das disciplinas e de sua articulação poderá apontar vícios da estrutura e embarreiramento entre disciplinas, fatores que só fazem prejudicar o processo ensino/aprendizagem.

Parece-nos importante serem aprofundados temas como o papel do professor neste tipo de curso, as determinações da escola na prática e na organização profissional.



A crescente presença de designers em posições subalternas, no exercício de funções rotineiras, parcelares e isentas de caráter decisório, tem apontado uma tendência no sentido de uma parcela da categoria ocupar uma posição ambígua enquanto intelectual. Essa ambiguidade poderia advir do fato de esta parcela, por um lado, ter sido levada pelas instituições de ensino a se acreditar destinada a funcionar como intelectual orgânico da burguesia<sup>1</sup>, assim como outras categorias profissionais, e, de outro, estar em condição objetiva e com potencialidade para identificar-se com as classes subordinadas na estrutura social.

Desse modo uma mudança significativa na posição ideológica da categoria do designer vincula-se à mudança na orientação de sua prática ideológica conforme os interesses das classes dominadas na estrutura social, principalmente na medida em que a parcela subordinada desse profissional passe a aceitar subjetivamente esta condição já objetivamente dada na estrutura social.

#### 4. Reflexões sobre o Ensino Superior de Design no País

Há meses assisti pela televisão a um trecho de um programa em que eram mostradas cenas filmadas, em Paris, no período logo após a evacuação das tropas alemãs, com a libertação da capital francesa pelas forças aliadas e da Resistência. Como telespectadora bissexta, não sei precisar o programa, o canal e sequer a data dessa transmissão. O trecho assistido mostrava o ataque de franceses a mulheres compatriotas colaboracionistas com as forças nazistas de ocupação. Esse, o pecado delas. Em plena rua o povaréu, tomado por uma exaltação demoníaca, expunha essas mulheres à degradação pública por terem tido envolvimento afetivo e/ou sexual com membros das forças invasoras. Será que homem nenhum, só mulheres, experimentou algum tipo de intercurso com os alemães? Então, onde estiveram ocultos, durante o governo Pétain, os homens franceses colaboracionistas?

Nas cenas exibidas, em meio à gritaria e às gargalhadas doentias, grupos de mulheres manietadas eram agredidas, surradas, jogadas ao chão, xingadas, cuspidas. Para estigmatizá-las, a turba passou a raspar-lhes a cabeça - símbolo da rejeição social, procedimento historicamente repetido por forças de opressão. Dessas cenas hediondas eu perscrutava os rostos e em especial os olhos das condenadas focalizadas. Li em seus olhares um turbilhão de emoções: medo, vergonha, sim, porém, sobretudo, estarecimento, aturdimento, como se surpreendidas pela reação sofrida. Associei essas cenas às em que a Rainha de Copas, personagem da obra de Lewis Carol *Alice no País da Maravilhas*, como epítome do *nonsense*, urrava: “*Cortem-lhe a cabeça! Primeiro a sentença, depois o julgamento!*”.

Senti um arrepio de horror. De certo, modo senti-me na pele das mulheres execradas por compatriotas após a queda do poder vigente. Tal como elas, eu sou conivente, sujeito e objeto, de um sistema de ensino e pesquisa superado e falimentar. Terei eu um dia a cabeça raspada e serei degradada socialmente por haver sido, nos devidos termos, uma

---

<sup>1</sup> O conceito de intelectual orgânico esta sendo empregado segundo o critério apresentado por Kawamura na Introdução em *Engenheiro: trabalho e ideologia*.

colaboracionista? A alternativa é ser *partisan*, às portas fechadas na sala de aula, muitas vezes em regime de professor horista? Que fazer?

Meu percurso profissional possibilita uma visão crítica da pesquisa, do ensino e do exercício profissional em design. Quando chegarão e quais serão as "*tropas da Resistência*" (curioso o nome, não?), via CAPES, MEC, CNE? O que será entendido como o bem vitorioso? Angustiado, acompanho o inexpressivo avanço de questões basilares do design, que orbitam já há décadas, todos os fóruns de discussão, seja nos âmbitos inter/intra-institucionais e/ou pessoais.

Com a legislação ora em vigor, os fatos recentes são muito mais preocupantes. É espantosa a fecundidade das instituições de ensino superior, em especial as que pertencem a entidades mantenedoras. Na incessante nova leva de cursos superiores de graduação de bacharelado e, em especial, os de tecnólogo em Design brotam, qual tiririca, improvisados e inconseqüentes.

O ENADE ainda não evidenciou a que veio. Avaliar cursos, que estão sob Diretrizes Curriculares que estimulam as especificidades locais, a partir de parâmetros generalistas? O que pode de fato aferir tendo-se uma base contraditória, em cursos de graduação superior tecnológica soa submetidos a iguais questões elaboradas para cursos de bacharelado em design?

O Design gera a interface do ser humano com o seu ecossistema mais próximo. A questão fulcral é tornar o ambiente construído significativo, inteligível, seguro, confortável, adequado, exequível e sustentável. O Design é centrado no ser humano enfocando a sua relação com o ambiente construído em diversos níveis e tipos de interesse: como investidor, fornecedor, empregador, empregado, usuário, membro da comunidade, visitante, turista. Cabe destacar o papel do designer no desenvolvimento de projeto para comunidades vulneráveis: pobres, portadores de necessidades especiais.

Integram o desenvolvimento dos projetos de Design, em especial os institucionais para multiusuários, as referências culturais, os efeitos de sentido, as recomendações ergonômicas, as tecnologias disponíveis, o entorno. Em especial quando o projeto visa atender amplo espectro de destinatários é fundamental que se tenha atenção às tarefas e atividades que se visa serem desempenhadas. Seria o que deveria chamar de **Design centrado no significado**. Assim, numa abordagem holística, o projeto de Design contempla o sistema alvo, compreendendo seus subsistemas e sistemas paralelos, inserido num ecossistema. **O Design jamais se trata de um simples enfeitar**

Por ser uma atividade ainda pouco profissionalizada, ela apresenta-se como uma terra de ninguém, e, portanto de todos. Em um primeiro momento, procuro divisar o que virão a ser esses cursos de Design, seja de bacharelado, seja de tecnólogo. A serviço de que e de quem estão sendo criados? Será mais uma falácia no cenário do ensino superior brasileiro? Serão meras fachadas para engordar cofres de sociedades mantenedoras iludindo alunos? Ou virão para saciar vaidades de arquitetos *manquês*, ou para elevar o status acadêmico do profissional decorador? Para que mundo, que valores a instituição de ensino superior estará preparando os seus alunos? Qual o tipo e a qualidade de intervenção pretendida do profissional egresso da instituição? Que competências espera-se que sejam adquiridas? Que responsabilidades serão consideradas como inerentes ao exercício profissional em design?



Quando se monta ou se discute a revisão de um curso de nível superior é indispensável o amadurecimento de um projeto educacional e pedagógico que possa fornecer as bases sólidas para os anos futuros de exercício profissional dos egressos dos cursos de design. É, sem dúvida, um desafio temerário - tomar decisões cujos acertos, erros e conseqüências só se evidenciarão em anos e mesmo décadas posteriores. Muito mais do que ensinar um modo de fazer algo, a instituição de ensino e pesquisa determina a assunção da consciência de cidadania de todos os seus integrantes, o desenvolvimento do pensamento e da atuação social política, crítica, inovadora por meio do trabalho. A IES provoca a reflexão sobre os inúmeros desdobramentos decorrentes das produções de seus integrantes frente à constante transformação das condições fenomênicas. Nessa missão, a instituição tem também seus compromissos com a comunidade extramuros, através das atividades de extensão.

Aprender algum mister não demanda dois, quatro ou seis anos. Requer, sim, uma vida inteira. A atualização profissional é um processo incessante. O curso de graduação assenta os pilares iniciais de enfoque da atividade e oferece os instrumentos mínimos para o desenvolvimento de um fazer fundamentado e validado. Valores éticos perduram, enquanto, rapidamente, tecnologias evoluem, materiais tornam-se obsoletos, tendências formais são superadas. Nas áreas do conhecimento das ciências, das artes e das tecnologias faz-se necessária uma base sólida de conhecimentos que enseje a crítica, a revisão, a evolução. Mormente quando, como no caso do Design no Brasil, a reflexão e a pesquisa ainda são pouco difundidas.

Que matérias, disciplinas e seus programas serão os mais adequados para uma determinada realidade? Melhor será criar condições para transformação e superação dessa mesma realidade dentro das possibilidades e restrições? A postura é inerente à educação, ao ensino e à pesquisa: o seu alvo é futuro.

Auscultar o setor potencial tomador de serviços, identificar peculiaridades em amplo espectro; localização geográfica, clima, demanda reprimida, hábitos, valores, costumes, acesso à matéria-prima e a insumos etc. A partir de um levantamento preliminar e de definição de um projeto de curso poderá começar a reflexão sobre o perfil do curso em pauta. Já temos exemplos demais de quanto é nefasta a importação acrítica de currículos. Já há desempregados e subempregados em excesso para submetemos alunos incautos a perversas e mesquinhas conveniências administrativas, financeiras institucionais e pessoais.

A visão clara de mundo, o projeto de um porvir, a consistência ideológica e filosófica são pré-requisitos para a elaboração de qualquer projeto pedagógico que se pretenda sério.

A síntese dessa reflexão espelha-se tanto no esboço do currículo e da grade curricular decorrente, como nos critérios para a formação do corpo docente: a árdua tarefa de garimpo de pessoas que formem um grupo em que a individualidade preservada comungue o ideário educacional proposto. A articulação de pontos de vista diferentes enseja o enriquecimento do diálogo, obsta a esquizofrênica coexistência de fragmentos incompatíveis, conduz a um trabalho criativo e produtivo.

Cabe sempre destacar que o ensino é indissociável da pesquisa, em especial nos cursos de bacharelado. Na composição do corpo docente, já devem ser identificadas linhas de pesquisa que poderão vir a ser desenvolvidas na instituição, envolvendo professores, alunos e a comunidade,



num processo viável e estimulante. Aqueles (direção, coordenação, docentes, técnicos e funcionários e alunos) que sejam incumbidos de planejar, revisar um curso de graduação em nível superior, abordando aqui em particular os de bacharelado, terão de enfrentar e administrar pressões de diversas naturezas. Não é, nunca foi, nem será fácil ou ameno compatibilizar interesses financeiros, vaidades, competências, limitações para viabilizar a instalação de um curso que em dado momento seja entendido como a melhor solução possível. A superação de restrições circunstanciais demanda um esforço indubitável compensador. Aquele que decidir aceitar uma tarefa de tal magnitude deve possuir a flexibilidade suficiente para lidar com a alteridade e a injunção de circunstâncias e também firmeza e convicção bastantes para não abdicar dos valores e dos propósitos educacionais entendidos como fundamentais. Afinal a missão do educador é preparar sujeitos para atenderem o imperativo de construir um mundo mais justo, solidário e harmonioso. Esse educador com estes predicados, a meu ver, não correria o risco de, um dia, vir a ter a sua cabeça raspada.

O ensino do design no Brasil já tem mais de sessenta anos. Quanto mais este tema for objeto de estudos, mais os docentes e pesquisadores, as instituições de ensino e, por conseguinte, a própria categoria profissional poderão se beneficiar das análises e conclusões obtidas por meio de pesquisas no campo do design.

## Referências

FREITAS, Sydney Fernandes de. **A Influência de Tradições Acríticas no Processo de Estruturação do Ensino/Pesquisa de Design** [Rio de Janeiro] Tese – Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, COPPE. 1999.

KAVAMURA, Lili. **Engenheiro: trabalho e ideologia**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1981. 134 p. (Coleção Ensaio 57)

MOREIRA, Antonio Flavio B. **Currículos e Programas no Brasil**. Campinas (SP): Papirus, 1990. 232 p.

THERRIEN, Jacques; LOIOLA, Francisco Antônio. Experiência e competência no ensino: pistas de reflexões sobre a natureza do saber-ensinar na perspectiva da ergonomia do trabalho docente. **Educação & Sociedade**, Campinas (SP), v. 22, n. 74, p. 143-160, 2001.

## Sobre o autor

### Lucy Niemeyer

É designer, professora, pesquisadora e palestrante brasileira de destaque. Ela possui graduação pela ESDI, mestrado em Educação pela UFF e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, atuando como professora na pós-graduação da ESDI/UERJ. Sua contribuição seminal para o design nacional é o livro "Design no Brasil: Origens e Instalação". A obra apresenta uma análise crítica sobre o surgimento e a consolidação do design no país. Niemeyer investiga as origens da disciplina e promove uma reflexão essencial sobre o papel do designer e seu posicionamento dentro do sistema de produção capitalista.